PRODUTOR: Emissora Nacional ☒ **RDP** ☐

Nº. de referência: 1

Título: "NO ÚLTIMO DEGRAU"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): COUTINHO, CARLOS

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: SANTOS, CARLOS

Data de produção: 29/1/1975 **Data de Emissão:** 3/2/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
CARLOS SANTOS	
CECÍLIA GUIMARÃES	MÃE
JACINTO RAMOS	PAI
JOÃO PERRY	FILHO
FERNANDA COIMBRA	VIZINHA

Estado de conservação: Bom ☐ **Razoável** ☒ **Mau** ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒ **Cópia** ☐

Registo Sonoro: Sim ☐ **Não** ☒

Nº do Registo Sonoro:

(V.S.F.F.) ⇨

Notas: - DIRECTOR ARTÍSTICO - FERNANDO GUSMÃO

Indexação: - TEATRO RADIOFONICO

NO ÚLTIMO DEGRAU

Carlos Coutinho

SERVIÇOS CRIATIVOS

PROGRAMA Nº 76
DATA DE GRAVAÇÃO 23/1/75
PEDIDO DE GRAVAÇÃO
A GRAVAR EM 29/1/75
HORA 10 00
NUMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO

PROGRAMA 1º
PEDIDO DE 3/2/75
15-30 HORAS
VISTO

PERSONAGENS:

locutor

MÃE

PAI

FILHO

VIZINHA

//

(SALISTA MUITO MODESTA,DAQUELAS QUE SÃO AO MESMO TEMPO SALA DE JANTAR DE COSTURA,DE VISITAS,ETC)

(A MÃE PONTEIA ROUPA À JANELA,OUVINDO TELEFONIA)

LOC - Simpáticas ouvintes, por lamentável acidente acontecido há poucos minutos, o nosso folhetim quotidiano não ir hoje para o ar. Agostinho Marques, produtor do nosso programa chocou há momentos com um autocarro, num desastre apartoso de que felizmente saiu ileso. Mas o belo descapotável azul do nosso querido Agostinho incendiou-se e era lá que vinha a gravação do octogésimo sexto episódio do popular Coração Destroçado. Como sabem, por motivos de planificação e montagem, os episódios do nosso Coração Destroçado são sempre grávados com muitos dias de antecedência nos estúdios de Campo de Ourique, motivo por que não podemos tão de repente atender à justa ansiedade em que naturalmente deixamos as nossas simpáticas ouvintes. Nem sequer temos possibilidades de reunir os actores em tão pouco tempo e mandar em directo para o ar o Coração Destroçado. Pedimos imensa desculpa às nossas queridas ouvintes por tão desoladora contrariedade e prometemos desde já ter o Coração Destroçado novamente no ar dentro de três dias, no máximo. A partir de terça-feira, portanto contem as nossas queridas e fieis ouvintes com o octogésimo sexto episódio do Coração Destroçado. Aproveitamos a oportunidade para chamar a vossa atenção para o patriótico folhetim da noite, Santos e Sabios Que Civilizaram a África e vamos substituir o Coração Destroçado por música portuguesa genuína. Para já arrancamos com um fado castiço da princesa da Mouraria, o orgulho de Portugal.

(ACORDES DE GUITARRA.VISIVELMENTE CONTRARIADA A MÃE LEVANTA-SE E CALA A TELEFONIA.A CAMPAINHA DA PORTA,QUE TINHA COMEÇADO HÁ MOMENTOS A RETINIR,INSISTE MAIS UMA VEZ.A MÃE VAI ABRIR E REGRESSA COM A VIZINHA QUE VEM OFEGANTE)

MÃE- Valeu-lhe a pena via com tanto pressa...

VIZ- Então?

MÃE- Hoje não há o Coração Destroçado. Puseram uns fados para contentar a gente. Eu, por acaso, gosto bem do fado, mas nem me apetece ouvir mais nada.

VIZ- Não me diga... Subi a rua a correr...

MÃE- É verdade. Andam estes malucos aí nas correrias pela cidade e, depois, pumba! Olhe, até lá para meio da semana, ficamos a chuchar no dedo.

VIZ- É mesmo pouca sorte... E como foi isso? Eles deram ao menos uma satisfação?

MÃE- De mau pagador. Veio um homem explicar. Pelos vistos não faziam aquilo na Emissora. Põem aquilo dias antes numas fitas ou lá o que é, a tocar.

VIZ- Ah, eu não fazia a mais pequena ideia de que isso era assim. Pensava que eram os actores que iam para a Emissora Representar.

MÃE- Também eu pensava, mas, infelizmente, não é nada disso. Ficámos agora a saber. Basta um desastre com o homem das fitas e pronto, lá se vai o romance. Aquilo parece que foi um desastre dos diabos. Os carros esbarraram-se uns contra os outros e começou tudo a arder. Faço ideia... Havia de haver sangue por todos os lados... Bem, o homem explicou, que as fitas arderam todas.

VIZ- Deve ser um grande prejuizo...

MÃE- Pois deve. Aquilo era um ror de fitas. Com tantas pessoas a falar e ainda por cima com os episódios todos destes dias, deviam ser fitas e fitas. Pode ser que eles agora aprendam a lição. Que ponham os actores a representar na Emissora e já não há fitas para arder. Caramba, parece que estou a ver os carros todos enganchados uns nos outros e o sangue a espirrar por todos os lados.

VIZ- Bolas, que a vizinha só vê sangue... Não há uma conversa em que a vizinha não meta sangue.

MÃE- Não me diga isso. Também está a exagerar.

VIZ- Ainda hoje de manhã me contou aquele sonho. Até fique incomodada.

MÃE- Isso é verdade. Realmente passei a noite a sonhar que matava galinhas. E depois até me cortei num dedo.

VIZINHA- Não vá outra vez contar isso. Bem basta a gente ficar sem romance. Olhe, nos dias em que o não posso ouvir, até on-do murcha. É verdade. Parece que me falta qualquer coisa.

MÃE- E, então, agora que ela estava quase a encontrar o primei-ro marido...

VIZINHA- A vizinha acha que ela o chega a encontrar?

MÃE- Ah, chega! Então não havia de chegar? O médico já sabe em que hotel é que ele está...

VIZINHA- Mas o médico também gosta dela...

MÃE- O médico tem aquela doença terrível, a tal leucemia...

VIZINHA- Que doença é essa?

MÃE- É uma coisa no sangue. E não tem cura.

VIZINHA- Ele está perdidinho pela Gabriela. Se calhar, não lho diz.

MÃE- Deixe-o lá estar perdidinho. O médico é muito boa pessoa. É capaz de sacrificar o seu amor, só para a Gabriela ser feliz.

VIZINHA- Oxalá, coitadinha! Sofre tanto aquela menina! Olhe que ela quando se divorciou, foi mesmo contra a vontade. A gente estava mesmo a perceber isso.

MÃE- A perceber isso? Então a Gabriela não teve aquele desabafo c com a criada de quarto? Caramba, lembro-me como se fosse hoje!

VIZINHA- Pois. Aquilo foi mais por orgulho e influência do pai, que ela, a sério, a sério, só gostou do primeiro marido. E ain-da gosta. Aquele sofrimento é só por causa dele.

MÃE- E no segundo casamento, na mesma. Ela não gostava do advo-gado.

VIZINHA- Pois é, pois é. A ambição dos pais muitas vezes é que faz a infelicidade das filhas. Ó vizinha quantos dias teremos de esperar para o romance voltar?

MÃE- Isso não sei. O homem avisou que era na terça-feira que

vem. Mas não me admiro nada que ainda demore mais . Eles têm pouca consideração pela gente.

PAI- (ENTRANDO FARLANDO DE CONTÍNUO) Boas tardes.

(ATRAVESSA A CENA DE MAU HUMOR E PASSA AOS APOSENTOS INTERIORES)

VIZINHA- Aí tem o seu António para almoçar. Veu-me à vida. Até logo.

(SAI)

MÃE- Até logo. Olhe, se quiser, venha ouvir daqui a bocado o folhetim do Clube Católico. O romance novo começa hoje.

PAI- (VOLTANDO CARRANCUDO) Onde está o meu cartão do hospital?

MÃE- Se fosses mas é comer...

PAI- Isso é cá comigo. Onde é que está o cartão?

MÃE- Sei lá? Algum dia te peguei no cartão?

PAI- (TORNANDO AOS APOSENTOS INTERIORES) Bem, estou a ver que temos festas.

MÃE- Só se a fizeres tu. Eu cá não estou para festas.

VOZ DO PAI-Não está na mesinha de cabeceira. Não está no casaco da outra farda. Onde é que o cartão foi parar?

MÃE- Perguntas-me a mim?

VOZ DO PAI-A quem querias tu que eu perguntasse? Ontem à noite, lembro-me bem que o tirei da gaveta da cómoda e o pus em cima da mesinha de cabeceira. Só para não me esquecer hoje de o levar. Afinal, nem está na gaveta, nem na mesinha de cabeceira, nem no casaco da outra farda. Que eu saiba, o cartão não tem asas.

MÃE- Se não tem asas, lembra-te do que lhe fizeste. Eu nem lhe toquei.

(SILÊNCIO)

PAI- (REGRESSANDO E QUASE IMPLORANDO) Ó Maria...

MÃE- Cala-te

MÃE- Que é?

PAI- Não te sobra mesmo nenhum, nenhum? Não podes apertar nem um bocadinho?

MÃE- Escusas de vir com a conversa de ontem. Do que sobra ainda tenho de dar algum ao teu filho e tenho meio mês à minha frente para te dar de comer. E este mês ainda temos a prestação da telefonia.

PAI- Pode ser que o rapaz não venha a casa este fim de semana...

MÃE- Alguma vez o rapaz passava o domingo no quartel, estando tão perto de casa? Caramba, é preciso descaramento...

PAI- Eu até era capaz de falar com ele. Davas-lhe para os cigarritos e ele esta semana contentava-se com a comida do quartel. Se eu falar com ele, estou convencido que o rapaz uma vez por acaso, não leva a mal.

MÃE- É preciso não teres nem raspas de consciência! Sabes muito bem que o nosso filho está pior do estômago com aquela ginástica toda que o obrigam a fazer. Sabes muito bem que as comidas dos quartéis não são próprias para um doente. Com aquela úlcera que tem, até pode deitar sangue pela boca. Tens cara para falar numa coisa dessas? Vai mas é tu comer, que já deve estar tudo gelado.

PAI- Não me apetece.

MÃE- Está bem. Faz o que quiseres.

PAI- Raio de sorte a minha...

MÃE- Já de manhã não comeste nada.

PAI- Não preciso que te incomodes comigo.

MÃE- Não? És muito orgulhoso, pelos vistos. Ao menos podias não estragar o pouco que vai havendo.

PAI- Onde é que queres chegar?

MÃE- Encontrei a carca ça que te pus de manhã com manteiga. Fosteescondê-la muito embrulhadinha no fundo do caixote do lixo. Ao menos, podias ter bebido o café. Escusavas de

o entornar no balde do lavatório...

PAI- Andas a cheirar pelos caixotes, como as cadelas sem dono...

(RUIDO NA FECHADURA)

FILHO- (ENTRANDO)Ora vivam os meus velhotes! Então? Como vai isso?

(BEIJA A MÃE E DÁ UMA PALMADA AFECTUOSA NAS COSTAS DO PAI)

MÃE- (LEVANTANDO-SE) Já comeste alguma coisa?

FILHO- Não. Nem raspas. E venho a cair de fome.

MÃE- Queres comer aqui ou na cozinha?

FILHO- Aqui. Mas não se incomode. Eu trato de tudo.

(A MÃE VAI A DIRIGIR-SE PARA A COZINHA.IMPEDINDO-A)

FILHO- Não, não, não. Eu trato de tudo.

MÃE- Então vê lá se convences o teu pai a comer alguma coisa também.

FILHO- O pai ainda não comeu? Mas já são quase três horas...

PAI- Não tenho apetitê.

MÃE- Não acredites. De manhã também não comeu nada. Vê lá se fazes com que ele meta alguma coisa à boca.

FILHO- (PREPARANDO UMA MESITA) Ai mete, mete. Quem manda aqui hoje sou eu. Tem algum jeito passar um dia inteiro sem comer nada?

PAI - (EM DIRECÇÃO AO FILHO) Não teimes, que não me apetece nada!

MÃE- Agôra vê lá se fazes a vontade ao rapaz.

PAI- Não te metas nisto, nem me ponhas à bulha com ele.

MÃE- Olha, para te ser franca, até me envergonho que o nosso filho saiba.

PAI- Só faltava a vergonha... Vergonha de quê?(OLHANDOXAXPORXA MAXCHAXIHAX

MÃE- (OLHANDO A PORTA DA COZINHA) Disso que estás a pensar fazer.

PAI- Não te metas na minha vida!

MÃE- Já me disseste tantas vezes que era a última vez...

FILHO- (ENTRANDO COM DOIS TACOS DE ALUMÍNIO) Então, pai, vamos a isto ou quê?

PAI- Já te disse que não me apetece.

FILHO- Isso é o que vamos ver.

(SAI)

MÃE- Faz-te algum bem estar até esta hora sem comeres nada?

PAI- (EVITANDO QUE SE OIÇA NA COZINHA) Já tinha resolvido a minha vida, hoje de manhã, se não fosse a porcaria do cartão. (CADA VEZ COM MAIS DIFICULDADE DE JUSTIFICAR A SUA PRESENÇA E O FACTO DE ESTAR DE PÉ) Estou bem lembrado que o pus ontem , à noite, na mesinha de cabeceira. Hoje de manhã, peguei nele, mas, quando cheguei à Companhia, não o tinha no bolso. Das duas uma, ou mo roubaste, quando me deste a escovadela no casaco, ou o perdi no autocarro. Mas eu nunca perco nada. Se foste tu que mo roubaste, temo-las tesas.

FILHO- (ENTRANDO COM PRATOS E PÃO) Toca a dar ao dente, vamos embora. Os carapaus são de primeira e o arrozinho tem boa cara.

PAI- Não insistas comigo. Já te disse que não me apetece.

FILHO- Aqui não há apetites. Para teimoso, teimoso e meio. Vamos lá para a mesa que já está posta.

(SAI)

PAI- É o que te digo. Se me tiraste a porcaria do cartão, temo-las tesas. Com essa brincadeira não ganhas nada e só me estragas a vida.

(PASSEIA ANSIOSO)

MÃE- Em que é que eu te estrago a vida? Em não querer que te

metas nisso? É preciso não ter consciência nenhuma. É preciso ser mesmo varrido do juízo. Estrago-te a vida em não querer que te vás esgotar? Não dirás homem?

PAI- Sabes o que é que tu fazes?

MÃE- Diz lá..

PAI- Fazes-me perder cem escudos e comer pior. O que tu fazes é isso. Deitas-me cem escudinhos fora e arranjas que eu me sujeite a quatro bolachas. Mas pagas-mas todas.

MÃE- Ora explica-te lá!

PAI- Ai não sabes? Então ficas a saber que na clínica do Dr. Cardoso não é preciso cartão nem registo.

MÃE- Desgraçado, olha se o teu filho ouve...

PAI- Se não queres que ele oiça, passa-me para cá o cartão.

MÃE- Mas já te disse que não peguei em cartão nenhum.

FILHO- (ENTRANDO COM GARFOS,COPOS E UMA GARRAFA) Ora vamos lá a isto.

(SENTA-SE)

PAI- Come, come. que eu já me governei.

(SILENCIO)

FILHO- Uma novidade. Vou estudar umas coisas.

MÃE- Sim? Vá, começa a comer, que o teu pai é casmurro.

FILHO- (COMEÇANDO A COMER)Arranjámos uns cursos nocturnos lá no quartel. Há uns aspirantes e uns cabos milicianos que vão dar aulas à gente . Vamos lá ver se a malta faz o quinto ano em Junho?

PAI- Isso é bom. Mas é preciso a gente ver com quem se mete. Já no meu tempo era o mesmo. Havia sempre uns milicianos que se aprontavam para dar aulas à malta. Mas, depois, a gente descobria sempre que eram políticos da esquerda. Cuidado com isso, filho. Esses tipos são sempre comunistas. Às duas por três, metem as pessoas em cada enrascanço...

FILHO- O pai, nestas coisas de política, não é bom conselheiro.

PAI- Ai, não? Então vê lá se eu alguma dia em enfiei nalguma alhada . Olha, na Companhia, ainda não vai há dois meses, houve para lá prisões que nunca mais se acabavam. Que é que eles queriam? Havia papelinhos por todo o lado. Até nas retretes eles escreviam. Diz-me cá, as greves resolvem alguma coisa? Só desordens, prejuízos, pancadaria, prisões. E quem estava mal ainda ficou pior. Se os pequenos lucrassem alguma coisa... Mas isso nunca se dá... Os grandes têm o poder todo... Têm o dinheiro por eles, têm o governo por eles. Que é que eles não têm por eles? Sabes o que é que dizia o general que morava aqui à frente? "Os que são espertos metem-se em política, mas os que são muito espertos põem-se de fora". E tinha razão. Olha que eu só tenho a quarta classe e fi-la na tropa. A tua mãe ainda tem menos. Mas nunca tivemos enrascanças. Vida socegada e sopinha a tempo e horas. Juízo, juízo é que a gente precisa.

FILHO- Está visto que o pai não tem cura. Pronto, Passemos à frente. Temos tempo de falar nessas coisas. Agora venha comer. Já não está em idade para ~~aguentar~~ aguentar a barriga vazia até esta hora. Vá, vamos para a mesa.

PAI- Já te disse que não me apetece, bolas! Come tu, que eu já estou aconchegado.

(TOCA A CAMPAINHA DA PORTA. A MÃE VAI ATENDER)

FILHO- Já lá vai o tempo em que eu acreditava em histórias. Vamos à trincadeira.

MÃE- Ah, é a vizinha? Entre.

VIZINHA- Não está na hora do romance?

MÃE- Que horas são, António?

PAI- Três.

MÃE- Deve estar mesmo a começar.

FILHO- Ó mãe, romances... Caramba, ainda não perdeu esse vício? Não me diga que vou comer com essa coisa a chiar-me aos

ouvidos...

MÃE- A gente podia ouvir baixinho...

PAI- Nem baixinho nem alto. Que raio de vício esta gente havia de arranjar...

MÃE- Vícios, eu? E és tu que me dizes isso? Ó vizinha , desculpe. Ele hoje está com os azeites entornados.

VIZINHA- Não há nada que desculpar. Cada um, em sua casa...

PAI- A vizinha não leve a mal, mas, realmente, o meu rapaz doente do estômago e a comer com uma chiadeira dessas nos ouvidos... Tem de compreender. Se quiser, sente-se aí um bocadinho a conversar com a gente.

VIZINHA- Não posso, vizinho. Pelo romance ainda era capaz de me demorar um bocadinho, mas, assim, vou-me andando. Tenho a casa toda para arrumar e ainda hei-de ir limpar dois escritórios na Baixa, antes de fazer o jantar.

PAI- É contigo. Se quiser ficar um bocado, não incomoda nada.

VIZINHA- Vou-me andando. Até logo. (PARA A MÃE) O meu Zé ainda se não deu ao cuidado de mandar compor a nossa telefonia. Sempre são uns duzentos ou trezentos escudos, como tem sido das outras vezes. Logo à tarde, se não se incomodar, então venho ouvir o Amor, Orgulho e Fantasia.

MÃE- Venha, venha, vizinha. Ainda está no princípio. Não se pode perder o fio, senão, lá para a frente, não se percebe nada.

VIZINHA- Até logo e bom proveito.

TODOS- Até logo.

PAI- Que vício... Até mete aflição.

MÃE- Quem tem telhados de vidro...

PAI- Algum dia eu apanhava um vício destes?

MÃE- Onde é que está o mal? Ao menos está a gente entretida e não gasta dinheiro, nem dá cabo da saúde. Além disso, esses romances são sempre bonitos e cheios de moral. Aquilo é mesmo como na vida das pessoas.

FILHO- Ó mãe, está a exagerar. Então esses romances algum dia apresentam a vida como ela é? Isso é sempre lágrimas e mais lágrimas, histórias côr-de-rosa. Olhe lá se eles dizem como a gente vive.

MÃE- Mas dizem como a gente sente as coisas do coração e como a gente sofre. Ai, dizem, dizem. E, às vezes, dão exemplos bem bonitos.

FILHO- Também aparece gente nesses romances com uma úlcera no estômago e a comer arroz de tomate com <u>jaquinzinhos</u> grelhados?

MÃE- Misérias e pobrezas já a gente sabe como elas são. Não é preciso aparecerem nos romances.

FILHO- Isso é para adormecerem a cabeça da gente, mãe. Quando é que abre os olhos? A mãe diz que toda a gente sabe que as pobrezas e as misérias existem. E porque é que existem? Isso é que a gente precisa de saber.

PAI- Acabou-se. Políticas não há em minha casa. <u>(PARA O FILHO)</u> E tu vê lá como te portas no quartel. Vê lá com quem é que andas. O quartel não é a oficina. Com a tropa as coisas fiam mais fino. Ouves bem o que te digo?

FILHO- Não se incomode, pai. Sei muito bem o que faço. Por falar de política. De amanhã a oito são as eleições. Em quem vai votar? Na C.D.E. ou na União Nacional?

PAI- A minha política é o trabalho. Se me mandarem, vou votar em quem sempre votei. Se não me mandarem não vou. Não estou para perder tempo com isso. Política é para os grandes. Não é para nós que somos muito pequenos. Diz-me lá uma coisa. Como é que vamos de pré?

FILHO- Ainda me faltam três semanas para acabar a recruta. São uns tostões bem contadinhos ao fim do mês e há muita malta que ainda tem de pôr algum.

PAI- No meu tempo era na mesma.

FILHO- Então, não vem comer? Estes carapauzinhos grelhados estão muito bons.

PAI- Não, filho, não teimes comigo. Não me apeteceo. Petisquei

lá na Companhia com uns amigos. Já não cabe cá mais nada.

FILHO- (PARA A MÃE) Há sopa?

MÃE- Há, sim, filho. Eu vou buscar-ta.

FILHO- (LEVANTANDO-SE E SAINDO) Deixe-se estar onde está. Não preciso de criadas.

PAI- (SÓ DEPOIS DO FILHO SAIR) E eu vou dar uma volta.

MÃE- Não me digas que essa maldita cisma ainda te não passou...

PAI- Qual cisma?

MÃE- Não sabes ao que me refiro? Não tens vergonha de perguntar ao rapaz pelo pré?

PAI- Foi só para saber. Não foi por mais nada.

MÃE- Se eu não te conhecesse...

PAI- Até logo.

MÃE- Espera aí. Ao menos, diz alguma coisa ao rapaz.

PAI- Ele não é de cerimónias.

MÃE- Não vás já embora.

PAI- Que é que eu estou a fazer aqui?

MÃE- Estás ao pé do teu filho.

PAI- (HESITANTE)Tenho muito tempo de estar ao pé dele. E ele ainda se há-de fartar de mim. Quando a gente vai para a velhice, até os filhos se fartam de nós. Há-de ver. (SÚBITA DECISÃO) Bem, até logo.

MÃE- Não vás embora!

PAI- Mas que mania é essa de prender um homem, como quem prende uma galinha?

MÃE- Eu sei o que vais fazer.

PAI- Vou dar um passeio. Mais nada.

MÃE- Mentira! Vais dar sangue!

PAI- E se for? Faz algum mal?

MÃE- Faz! Depois queres parar e não podes! Já conheço vários exem-

plos. A dares tantas vezes, qualquer dia não podes parar. E isso enfraquece muito uma pessoa. Se, ao menos, tivesses mesa de rico... Não vás embora!

PAI- Tu estás maluca? Então eu havia de ficar aqui como um piriquito na gaiola? Era o que faltava...

MÃE- Vamos dar um passeio com o nosso filho.

PAI- Tem ele mais que fazer... E a namorada? Tem juízo, mulher. Até logo.

MÃE- António, não me faças gritar... Não quero que o nosso filho ciça.

PAI- Tens bom remédio. Dá-me cem escudos. Na segunda-feira já tos pago.

MÃE- (INDIGNADA)Estou farta de promessas. Com essa não me enganas mais. Levavas o dinheiro e ias na mesma dar sangue.(IRRIDA) Mas nem sequer tenho agora dinheiro nenhum . Ainda o hei-de ir buscar às freguesas, da roupa, para dar amanhã a conta ao nosso filho. (OUTRA VEZ INDIGNADA) Mas, olha lá, no princípio do mês não ficaste com a tua conta? Governasse-lo melhor.

PAI- Este mês foi lixado. Houve dois jogos importantes. Sabes muito bem que isto acontece uma vez na vida.

MÃE- Uma vez na vida? Tu, que és maluquinho pelo futebol, não fazes de todas as vezes as vezes da vida? Até compras quantos jornais há.

PAI- Só compro os desportivos. Não mintas.

MÃE- Numa tarde de sábado bonita, como está hoje... Podíamos ir dar um passeio. Há tantos anos que não fazemos isso.

PAI- O nosso filho não terá um amigo que lhe empreste cem escudos até sábado?

MÃE- Pergunta-lhe.

PAI- Não tenho coragem.

MÃE- Eu também não. Ele é muito diferente de nós. Há muitas coisas que ele não compreende, ou que ele não quere compreender. Se

ele soubesse...

PAI- Mas ele não precisa de saber. Pedes-lhe os cem escudos até sábado e eu pago-lhos.

MÃE- Vem algum jeito eu dar-lhe dinheiro para a semana e pedir-lhe cem escudos ao mesmo tempo? Caramba, não tens dois dedos de testa? Só amanhã à noite é que me pagam a roupa que lavei esta semana. Senão...

PAI- Estava à espera de arranjar um biscato para esta tarde na estiva. Mas falhou. Ao sábado são sempre com cães a um osso. Caramba, azares atrás de azares! Até logo.

(SAI)

MÃE- António!

FILHO- (RACIOCINANDO COM UM PRATO DE SOPA) O pai já saiu?

MÃE- Há algum jogo amanhã?

FILHO- Há. Benfica-Sporting.

MÃE- Oh, meu Deus, para que lhe queimei o cartão?

FILHO- Aconteceu alguma coisa?

MÃE- Não, não. Não aconteceu nada, filho. Come a sopinha.

(ENCARAM-SE LONGA E SILENCIOSAMENTE.)

FILHO- Que grandes conversas precisamos de ter!

(MEDITAÇÃO)

P A N O

Lisboa
Entre 9 e 10
de Novembro
de 1974

D.S P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa Miniteatro – "A última degrau" (Carlos Coutinho) Referência { N.º/R.P.L. 76 / N.º S.P.P.

Episódio N.º Datas { da gravação 29 de Janeiro de 1975 às 10.00 horas. / da 1.ª emissão 3 de Fevereiro de 1975 Programa 1.º - às 14,30 h

Director artístico Fernando Guimarães

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
Carlos Santos	Locutor	
Cecília Guimarães	Mãe	Cecília Guimarães
Jacinto Ramos	Pai	
João Perry	Filho	
Fernanda Coimbra	Vizinha	Fernanda Coimbra

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação Manuel Tomás - Fernando Conde

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, de de 196

Mod. S P 139